

TEC - CÂMARA DE ARQUITETURA E ENGENHARIAS (COMUNICAÇÃO COORDENADA)

NOME: NADJA MARIA MOURÃO

TÍTULO: ESPAÇOS URBANOS E TECNOLOGIAS SOCIAIS: POSSIBILIDADES FUNDAMENTADAS NAS IDEIAS DE JANE JACOBS

AUTORES: NADJA MARIA MOURÃO, NADJA MARIA MOURÃO, MARÍLIA DE FÁTIMA DUTRA DE ÁVILA CARVALHO, RITA DE CASTRO ENGLER

PALAVRA CHAVE: ESPAÇOS URBANOS, TECNOLOGIAS SOCIAIS, JANE JACOBS, MANIFESTAÇÕES CULTURAIS.

RESUMO

O espaço urbano, definido pelos ambientes de domínio público como as ruas, parques, praças e pátios, nem sempre refletem os anseios de seus usuários. São inúmeras as dificuldades no planejamento urbano, muitas vezes constituídos de forma inadequada sem a participação dos cidadãos. Alguns territórios são afetados pela ação degenerativa das desigualdades humanas, e por iniciativas da própria comunidade surgem soluções denominadas como tecnologias sociais. Estas se configuram como respostas às questões sociais por meios práticos e de baixo e fácil acesso custo que podem ser apropriada por todos. A abrangência das tecnologias sociais pode se caracterizar como um processo inovador. Dessa forma, essa proposta busca apresentar as ideias de Jane Jacobs a respeito do comportamento social, como as linhas de visadas (que são uma consideração significativa para explicar a inibição da delinquência em espaços urbanos), como possibilidades para desenvolvimento de tecnologias sociais que possam ser aplicadas nesses espaços. Pelo método descritivo, em revisão e análise bibliográfica apresentam-se conceitualmente os espaços urbanos, as tecnologias sociais e a linha de pensamento de Jane Jacobs, urbanista, ativista e autora Norte Americana (1916 a 2006) que viveu em Toronto/Canadá. A autora defendia que as cidades que fossem construídas para a vida dos cidadãos e não para o uso intensivo de automóveis. Em seu livro "Morte e vida das grandes cidades americanas" (1961), adotou uma postura deliberada de defesa que a sociedade possa entender cada bairro como um microcosmo pleno de vida rica, densa de significados. A autora se inspirou nas cidades européias que mais admirava (Barcelona, Copenhagen, Londres e Paris), para exemplificar o fluxo orgânico da vida urbana. Os mapas centrais da formação histórica das cidades apontavam que as cidades eram feitas pelo cidadão, sem priorizar o frenesi dos automóveis no contexto. A proposta de Jacobs busca um planejamento não restritivo, que permita que a cidade seja feita e refeita pelos pequenos, médios e grandes empreendedores, e não deixada a cargo de monopolistas, sejam do estado ou de grandes corporações. Ao longo do trabalho a ativista, urbanista e autora demonstrou como o planejamento urbano tem sido prejudicial às cidades e pobre em diversidade. Como se tem gasto muito dinheiro com conjuntos habitacionais para a população de baixa renda que se tornam núcleos de delinquência e vandalismo. Mostra que empreendimentos para classe média monótonos, repetitivos, padronizados, sem vida urbana. Jane Jacobs, em atuação com artistas e pessoas ativistas da comunidade de SoHo em Nova York, conseguiram transformar o bairro em uma das áreas mais valorizadas da cidade, pela inúmeras vantagens que conseguiram manter sem a destruição de prédios antigos e valorização do comércio local. Desde 2007, o dia quatro de maio, data de aniversário da urbanista, se transformou em um evento "Jane's walks" em que cidadãos saem às ruas para construir uma experiência coletiva em espaços públicos. Para tornar as cidades mais acessíveis alguns elementos são fatoriais como: adequação para diversos públicos e idades; espaços para trabalho e lazer; onde transitar e onde estacionar os veículos (carros e bicicletas); proteção ao pedestre; adequação da vegetação (árvores e jardins); formação de novas possibilidades de uso compartilhado, entre outros. Em busca da compreensão do comportamento social nos espaços físicos, necessita-se de conceituações a cerca dessa temática. Trata-se de um conjunto de ações, fatos ou eventos envolvendo as ações de mais de uma pessoa que, em sociologia, se direcionam a interação com outros da mesma espécie. Ou seja, é um tipo de comunicação constituída de significados e contextos sociais, que induzem respostas que resultam em relações sociais (Guerin, 2001). A questão da carência de segurança urbana é uma consequência de diversos fatores. Mas também, segundo Jacobs (2001), pelo fato de certas zonas da cidade tem ou não tem "olhos na rua". Ou seja, apropriação e acompanhamento dos momentos nos espaços urbanos pelos próprios cidadãos. As relações entre as pessoas e o espaço físico são complexas e multifacetadas, e ocorrem em diferentes escalas de influência. Cada indivíduo possui as suas características pessoais e o ambiente incorpora os valores sociais e culturais de todos os que nele vivem (Hall, 2005). A Linha de visada é definida como uma linha imaginária que une dois objetos sem obstáculos, de modo que uma pessoa na posição de um dos objetos possa ver o outro. Uma pessoa que está dentro de casa e dali, pela janela olha para a rua, está em posição de linha de visada, segundo Virilio, (1984). Assim, também deve ser evitado o uso das zonas de risco nos ambientes urbanos, áreas consideradas impróprias para as moradias por estarem sujeitas a riscos naturais. Constituem-se também em áreas desapropriadas para construções de obras que não se concretizam, construções abandonadas, entre outras. Seguindo a linha de pensamento de Jane Jacobs os espaços urbanos podem e devem receber a orientação de uso, adequações e manutenção com a participação da comunidade. Em tecnologias sociais são apresentados exemplos como o projeto Moradia Urbana com Tecnologia Social (que incentiva a sociabilidade entre os moradores a partir da mobilização comunitária), as hortas comunitárias, o uso de moedas sociais em eventos comunitários e outras iniciativas que possam gerar uma melhor qualidade na ocupação do espaço urbano. Assim, os projetos de lazer, feiras e eventos comunitários, adequação da iluminação, novas composições nos ambientes, valorização do caminhar a pé e a convivência comunitária.